

27

35

EXTRACTO

DO

BELL's LIFE EM LONDRES,

Domingo 14 de Dezembro, de 1828.

Estamos certos, que os nossos leitores lendo a peremptoria dissolução do Depozito dos Emigrados Estrangeiros em Plymouth, que lhes noticiamos em outro lugar desta folha, sentiraõ como nós para com elles a mesma sympathia. Estes homens fieis aos seus juramentos tinhaõ fugido á tirania de D. Miguel. O Embaixador Brasileiro tinha-lhes provido huã habitação em hum dos nossos portis de mar, á custa do seu Governo, onde elles pretendiaõ esperar pelas Ordens do seu Soberano D. PEDRO. Naõ fizeraõ preparativo algum militar. Naõ comprehendêraõ nenhuma ordenada disciplina regimental. Viviaõ pacificos, e obedientes ás leys do Paiz, aonde tinhaõ achado asilo ; porem o terem-se evadido ao despotismo foi hum crime imperdoavel— Escaparem ás masmorras de Portugal foi demasiada fortuna para homens bravos, e leaes, cuja perda de suas propriedades, e a separação de suas familias naõ era castigo sufficiente aos olhos de Miguel, sem que se separassem, e extinguissem, como hum bando de malfeitores, e (com vergonha o dizemos) estava reservada á Administracão do Governo do Duque de Wellington a consumação deste Ultrage para com estes infelizes Estrangeiros, o qual devia ter melhores reccordaçoens da dignidade, e honra Portugueza ; e a Scena que se lhe apresentava eraõ as praias

da Inglaterra. Bom tempo era, quando o nosso territorio era considerado como Sagrado asilo da liberdade, quando o genio tutelar da nossa Constituiçãõ era julgado em todo o mundo como o Protector da Liberdade. A Rainha Isabel fez tremer a Hespanha no maior auge do Reinado de Felipe pela nobre protecçãõ, que deu aos Patriotas dos Paizes Baixos; e o falecido Lord Liverpool, não sendo grãnde advogado das doutrinas Liberaes, desprezou a mensagem, que fez Bonaparte, para que fosse despedido da Corte de S. James (repare-se que não era para fõra da Inglaterra) a fugitiva familia dos Bourbons.

Mas nós decahimos a tempos differentes—peccamos contra Déspotas; e he necesssario que penitentes lhes beije-mos a estrada. A generozã, e determinada firmeza de Mr. Canning para a conservaçãõ da Carta Constitucional de Portugal foi hum crime inexpiable aos olhos de Fernando, e do seu fraudulento protõtipo o Principe de Metternich; e estava, tornamos-lo a repetir, reservado para o Duque de Wellington o lavar esta nodoa, que em tempo, felizes, se lauçaria nos escudos dos Tirannos.

Custará a acreditar, athé que os papeis se apresentem perante o Parlamento, (se Ministros, o que he provavel, não resistirem a essa moçãõ) que não obstante os nossos declarados protestos contra a Uzurpaçãõ de D. Miguel, todos os nossos actos, desde que aquelle Renegado se apossou das redeas do Governo Portuguez, tem concorrido para lhe segurar a sua usurpaçãõ; e de facto, nunca se vio, usando da fraze commum, hum sistema mais completo de Caveira de burro do que, o que tem seguido o nosso Governo sobre este objecto. Nós mandãmos retirar o nosso Embaixador, e as nossas tropas de Portugal, só depois que o Tirano tinha povoado as masmorras com as suas victimas—Nós consentimos que elle encarcerasse os Sub-

ditos Britanicos impunemente—Agora mesmo, que o Consu Brazileiro (o que he hum facto bem singular) tem obrigado a Miguel a entregar-lhe os Subditos de seu Amo, que jaziaõ nas prisoeas, o Sor. Noble, do Porto, continua a existir em hua Cadea com manifesto menoscabo das nossas reclamaçoens. Tudo isto já he bastante máo, pelo que respeita á nossa politica Estrangeira—Mas vejamos agora o que cá vai por Caza; e aqui apresentamos factos positivos que devem apparecer perante o Parlamento.

A Joven Rainha de Portugal na sua chegada a este Paiz, como já em outra occaziaõ dissemos, só foi devedora dos Benignos, e Elevados Sentimentos de Sua Magestade pela recepção Real, que em Inglaterra lhe mandou fazer, e Sua Magestade teria sem duvida augmentado aquella Graça com huã visita pessoal, se infelizmente na quella occaziaõ a sua molestiá o não estorvasse de ter hum dia de Corte; Mas apenas tinha Esta Joven Estrangeira fixado a sua habitação em Laleham, eis que começa a intriga effectivamente a trabalhar, e sentimos acrescentar, que o Duque de Wellington ou foi o seu movel, ou o seu instrumento.

Hum certo Visconde d'Assecca, morador em Welbeck-Street, Representante de Don Miguel, ao qual se permittem visitas occasionaes com os nossos Ministros, representou em termos mui fortes contra a recepção, que se fizera neste Paiz á Rainha de Portugal, a consequencia foi, que o Rey foi a conselho para a não receber no Seu Palacio de Windsor, e o Duque de Wellington representou ao Marquez de Barbacena, o qual recebeo de seu Pay o encargo daquella illustre Menina, contra o intento de fazer da Inglaterra o lugar da sua habitação, em vez de hir para Viena, Cidade para isso destinada, e Corte de Seu Avô. O Marquez teve repetidas conferencias

com Sua Excellencia o Primeiro Ministro, cujas representaçoens elle sempre encontrou com firmeza, e debate ; athé que ultimamente lhe declarou, que uaõ mudava de Reino, sem que a esse fim recebesse ordem de seu Pay Don Pedro ; e que finalmente naõ movia hum passo fóra da Inglaterra, excepto se fosse obrigado pela força. Tendo fallhado o deshumano exforço de expulsar esta Menina da protecção das nossas leys, o immediato movimento do tal Assecca foi diligenciar a dispersaõ do Deposito dos Portuguezes em Plymouth ; e temos o penozo dever de confessar, que elle conseguiu o seu projecto inteiramente. Sobre este objecto teve o Duque de Wellington repetidas conferencias com o Visconde de Itabaiana, Embaixador Brasileiro, e o Marquez de Palmella, e resistio temeraria, e perseveradamente à appellação, que ambos lhe fizeraõ para a honra, e politicã da Graã Bretanha para com o Legitimo Governo do Seu mais antigo Alliado. O nosso Primeiro Ministro insistio, em que, ou o Deposito dos Emigrados Portuguezes havia de ser dividido em pequenas fracçoens, e os Soldados inteiramente separados dos seus Officiaes pelo centro do Reino, ou aliaz seriaõ mandados para o Brazil—athé recuzou a perigoza liberdade, que se lhe pedio, para alguns d'elles voltarem a Portugal, ou para a Ilha Terceira, esta que ainda se conserva a favor da Legitima Soberana, e contra D. Miguel, e peremptóriamente acrescentou, que elle naõ permitiria de modo algum, que elles molestassem a Goveruo *de facto* de Portugal, e passaria Ordens para athé mesmo evitar, que elles se unissem á Esquadra, que Don Pedro houvesse mandado á Europa, para os tomar o seu bordo, e encetarem as operaçoens offensivas contra o Throno do Uzurpador. Estes saõ factos miseraveis, sobre os quaes, por ora, menhum commento faremos,

Rasta agora vêr, que passos dará Don Pedro nesta grande crize.

As Cartas do Brazil foraõ recebidas no fim da Semana, e por ellas sabemos, que o Imperador manifestára a Sua Aprovação pelo partido, que tinha tomado o Marquez de Barbacena de conduzir Sna Filha á Inglaterra, e tambem de estar determinado a apromptar huã expedição contra Don Miguel. O Lord Strangford havia chegado ao Rio de Janeiro a 16 de Outubro, mas não tinha desembarcado athé o dia 21 ; a sua apparente missaõ he, para reclamar os Navios Britanicos, que tinhaõ sido tomados por violarem o bloqueio do Brazil ; mas nós temos muitas razoens para crêr, que a verdadeira missaõ de Sua Excellencia foi para arranjar o casamento de D. Miguel. Não obstante, isto lhe hade falhar, e sò accarretará deshonra aos seus Authores. Don Pedro foi avisado do verdadeiro estado das couzas, antes da chegada de Lord Strangford ; e as artes, e a chicana daquelle, que perante os nossos Tribunaes pediu desagravo contra os seus "Infamadores" foraõ apanhadas, e haõ de ser destruidas.

D. MIGUEL.

Pelas ultimas noticias recebidas de Portugal vemos, que D. Miguel, em lugar de estar morto, ou em perigo de vida, como, ha dias, se dizia, está, como diz o proverbio (vivo, e escoucinha) e diariamente se vai restabelecendo da sua quéda ; e disposto como sempre a desgraçar todos aquelles, que estaõ sentenceados a soffrer as suas iniquidades. Todas as pessoas, que eraõ capazes de se lhe opôrem, se achaõ respirando o pestífero ar de huma Enxovia ; as Cadêas estaõ cheias das suas victimas, e só Deos sabe, quando acabará a obra do espirito infernal.

O unico vislumbre de esperança, que póde haver em Portugal, he, se acontecer, que no meio dos seus caprixos elle desgoste alguns dos seus adherentes, e assim faça produzir alguma reacção entre os instrumentos de sua maldade. Tyranos de baixa classe, que roubaõ, e não ganhaõ, a Corôa, muitas vezes lhes acontece cahirem desta maneira, e athe era talvez mais consistente com a boa ordem do destino humano, que os malvados se despedacem huns aos outros, do que sofraõ a quéda em hum conflicto menos ignobil. Além desta provavel retribuição domestica, he provavel que os Governos Estrangeiros não se queiraõ sujeitar vilmente a hum insulto nacional. Em quanto a nós o Ceo sabe, o temos recebido com bastante humildade: A França tem sido mais exceptuada; e os outros Estados não estarão, para sofrer taõ arrogante Cavalleiro como D. Miguel. Vemos pelas noticias recebidas no principio desta Semana do primeiro do corrente, que as perseguiçoens das pessoas de todas as classes, que não estaõ dispostas a serem escravos, se hiaõ augmentando com a certeza das milhoras do *Don*, e que hum Corpo de tropa intitulado *Voluntarios Realistas*, que parece estaõ investidos com privilegios exclusivos, tinhaõ prendido em Setubal o Visconsul de Hamburgo (o Senhor Barboza) e o metêraõ no Segredo da Cadêa d'aquella Villa; e que o Visconsul Inglez de Villa Real vinha prezo para Lisboa, exposto a todo o genero de crueldade na companhia de mais prezos Constitucionaes. Todos os outros Consules em Setubal tinhaõ protestado contra o procedimento do seu Collega de Hamburgo, o resultado o tempo o dirá.

Nós estamos enjoados deste Velhaco, e sua Úzurpação, e compadecemos-nos das suas vítimas. Ouvimos agora dizer, que ao mesmo tempo que o Duque de Welington está promovendo o estabelecimento de hum Bazaar para socorrer os Refugiados Hespanhoes, e Italianos, está ainda inclinado a mandar

para fóra do Reino o pequeno destacamento de Portuguezes, que se sustentaõ, do que he seu, e que se achaõ em Plymouth com inteira satisfaçãõ de seus habitantes, e Contornos.

Dizem algumas pessoas, que estes pobres Constitucionaes vaõ embarcar para o Brasil, porque o nosso Primeiro Ministro naõ quer, que a Inglaterra sirva de lugar para conspiraçõens coutra os Estados vizinhos. Isto seria muito bom, se nós tivessemos reconhecido a usurpaçãõ de D. Miguel, e nos tivessemos desfeito da alliança de seu Irmaõ. Mas naõ tendo isto acontecido ainda, podíamos consentir, que estes Partidos ajustassem as suas questõens do melhor modo, que lhes convnisse; pois se nós naõ temos molestado a D. Miguel em couza alguma na sua infame, mas bem succedida carreira, porque havemos nós embaraçar os Patriõtas proscriptos, cujo unico crime he o serem fieis a aquelle Throno, que foi reconhecido pelas Potencias mais antigas da Europa. Naõ podemos acreditar, antes de o vermos, que sejaõ obrigados a embarcar, deixando o seu Depozito de Plymouth, sem terem offendido em couza alguma as Leys, ou costumes do Paiz. As duas Fragatas, que Miguel tinha mandado á Ilha Terceira com o fim de a conquistar, tornáraõ a voltar, depois de terem lutado com huma tempestade, sem terem podido effectuar o objecto da sua expediçãõ.

Temos o penozo dever de expôr, que a expulçaõ daquelles bravos homens para fóra deste Reino foi decretada pelo Governo do Duque de Wellington. Rezistiraõ por algum tempo a esta ordem com bastante força o Visconde de Itabaiana (Embaixador Brasileiro) e o Marquez de Palmella.

O nosso Governo naõ lhe deixou outra alternativa mais do que ou a de se deixarem separar em pequenos destacamentos nas

differentes Cidades, ou Villas deste Reino, longe de seus Officiaes, ou serem mandados para o Brasil: mas não lembrou, que nenhum delles he natural do Sul da América, mas sim de Portugal, e não estavaõ preparados para huma tão longa viagem na Estação mais tempestuosa do anno.

O General Stubbs Inglez de nação, que nas Campanhas da Peninsula se distinguio com a maior bravura, e depois no Governo das Armas do Porto, e o qual ainda conserva o seu posto, na sua Ordem do dia em Plymouth de Segunda feira passada lhes annunciou a triste noticia, de que a hospitalidade Britanica lhes não seria por mais tempo dispensada; e que porisso se passavaõ a apromptar Transportes sufficientes, para nelles embarcarem para o Brazil. Athé parece, que elles vão ser escoltados pelas nossas Embarcaçoens navaes, com o fim de se vitar, que elles tentem alguma aggressão contra o Governo *de facto* de Portugal, ou suas dependencias. Quando Bonaparté se queixou na Bahia de Plymouth do degredo, que lhe estava reservado pelo Governo do Lord Castlereagh, elle justamente soube distinguir o Governo daquelle tempo, do caracter nacional nas seguintes expressivas palavras, que proferio a Sir Henry "Já não preciso aprender a distincção, que se deve fazer de hum Governo, de hum povo" Esperamos que estes Emigrados Estrangeiros nos fação a mesma justiça, e que acreditem que este povo, cujos lares elles vão deixar, sente sua injusta sorte, e se compadecem das suas desgraças.